ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

CONCEPÇÕES DE LÍNGUA: UMA BREVE ANÁLISE

LANGUAGE CONCEPTS: A BRIEF ANALYSIS

Luciana Santos Pinheiro[1]

'...a linguagem envolvia "usos infinitos de meios finitos"'.

(Wilhelm Von Humboldt, início do século XIX)

RESUMO: No texto a seguir, serão apresentadas e discutidas diversas concepções de língua e linguagem dos últimos séculos e seus usos na sociedade. Dois importantes métodos de ensino de línguas são apresentados juntamente com as teorias linguísticas que lhe deram luz. Encerra-se com a evidência da importância dos estudos das variedades linguísticas resultantes de contatos entre línguas, para que haja um melhor entendimento das questões do plurilinguismo.
PALAVRAS-CHAVE: língua e linguagem; estruturalismo; gerativismo; sociolinguística; contexto social.

ABSTRACT: The fallowing paper presents, from the last centuries, different language conceptions and its uses in society. Two important methods of language teaching are presented along with the linguistic theories that brought them to life. Finally, the evidence of the importance of studies about language variety resulting from language contact is pointed out, in order to find a better understanding of plurilingualism matters.
KEYWORDS: Language; estruturalism; gerativism; sociolinguistic; social context.

1 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA/LINGUAGEM

Durante as aulas de Linguagem no Contexto Social: Concepções de Língua[2], foram discutidos os seguintes temas: as concepções de língua e suas implicações para o ensino, pesquisa e senso comum, essencial para a formação de professores e para as políticas públicas de promoção da pluralidade linguística, na realidade brasileira, todos pertinentes ao estudo de

---

[1] Doutoranda em Linguística Aplicada/UFRGS. Mestre em Letras e Cultura Regional/UCS. Professora de Pós-graduação: Ensino e aprendizagem de língua estrangeira-inglês/UCS. (e-mail Autor)

[2] Disciplina do Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na UFRGS.

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Linguística. Nas próximas seções, faremos um breve apanhado de como a língua e a linguagem vem sendo concebida nos últimos séculos. Faremos também breves considerações sobre dois métodos de ensino importantes, derivados de concepções linguísticas teóricas também importantes.

O termo linguagem, entendido em sentido amplo, indica qualquer tipo de comunicação entre os seres vivos (linguagem dos animais, linguagem da música, dos sinais, linguagem gestual, etc.). Do ponto de vista dos linguistas, todavia, a linguagem é comumente entendida como "a capacidade que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas". (CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2008, p. 16).

Do mesmo modo em que o termo linguagem recobre vários conceitos, o termo língua também recebe denominações várias. De acordo com Saussure, uma língua é um sistema de signos vocais, utilizado como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística. (apud CUNHA; COSTA; MARTELOTTA, 2008, p. 16).

A linguagem abarca um horizonte mais amplo do que a língua. Abrange todas as línguas e todos os sistemas simbólicos humanos e não humanos, inclusive a comunicação artificial, a linguagem das abelhas a linguagem informática ou ainda a linguagem da arte, da moda etc. Restringindo, porém, essa definição de linguagem à comunicação humana, no âmbito da Linguística, entende-se, então, a linguagem como a capacidade de produzir e expressar enunciados verbais próprios das línguas naturais.

A linguagem verbal tem uma dimensão universal caracterizadora de todos os sistemas de signos verbais usados em todas as comunidades linguísticas, independentemente das realizações históricas e específicas de cada língua. Um sistema particular, historicamente realizado da linguagem humana, constitui uma língua. Em outras palavras, linguagem é o sistema de comunicação próprio do ser humano e, portanto, comum a todos os membros da espécie humana; língua é um sistema singular de signos verbais, realizados histórica e culturalmente.

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Retomando a questão referente ao conceito de língua, procuraremos especificar como ela é entendida, em dois grandes momentos da Linguística moderna: o estruturalismo e o pós-estruturalismo até a sociolingüística.

1.1 A Língua na perspectiva estruturalista

Saussure, em sua obra *Curso de Linguística General* (1967) diz que a língua não se confunde com a linguagem. "A língua é um produto social da faculdade da linguagem, um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir a prática dessa faculdade pelos indivíduos" (1967, p. 51). Ele distingue a língua da fala. A língua tem uma característica social, é um sistema de signos que exprimem idéias; é social, abstrata, psíquica e coletiva, é constituída por um código de regras e estruturas que todo indivíduo assimila da comunidade de que faz parte.

Na dicotomia língua/fala, Saussure atribui à fala a característica de individual, instável, dinâmica, passageira, efêmera. É o modo de usar a língua por cada indivíduo. A fala é heterogênea, física. É a maneira pela qual o indivíduo que fala "utiliza o código da língua para expressar seu pensamento." (SAUSSURE, 1967, p. 57).

> A língua é um tesouro depositado, através da fala, na memória dos indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade; é um sistema gramatical, virtualmente existente em cada cérebro, ou, mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos. (SAUSSURE, idem).

Podemos, ainda, acrescentar que língua è um repertório constituído pelas possibilidades que são oferecidas aos seus utilizadores. A língua é, para Saussure, "um sistema de signos, – um conjunto de unidades que se relacionam organizadamente dentro de um todo". (apud Petter, p. 14).

Alicerçados em Saussure, outras correntes estruturalistas surgiram na Europa, dentre elas, a Escola de Praga, o estruturalismo de Hjelmslev.

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Nos Estados Unidos, o estruturalista Leonard Bloomfield, influenciado pela teoria behaviorista, desenvolve o mecanicismo[3] linguístico. Contemporaneamente, Edward Sapir defende a teoria estruturalista mentalista. No mecanicismo, não há lugar para o significado; no mentalismo, ao contrário, importa, acima de tudo, o significado que as seqüências linguísticas transmitem. A preocupação com o significado das formas linguísticas, leva Sapir e Whorf a formular a hipótese de que a língua revela a visão de mundo dos indivíduos que a falam. Para Sapir (1969, p. 26) "a língua é, antes de tudo, um produto cultural, ou social, e assim deve ser entendida".

Leonard Bloomfield dedicou-se, principalmente à análise de estruturas de constituintes, como uma atividade desenvolvida no nível sintático. Ele concebia a língua como um fenômeno puramente físico, como um conjunto de hábitos. Excluía de suas análises da língua qualquer preocupação com o significado. Seu foco era a forma, daí a denominação de formalista que é a mais forte expressão do descritivismo americano, privilegiando-se então, os estudos sincrônicos em detrimento dos diacrônicos.

Para Bloomfield, a língua é adquirida pelo processo de estímulo e resposta. No que se refere à aquisição da linguagem, diz que ela se dá por meio de um processo de tentativas e erros. As palavras substituiriam ou representariam as coisas ou situações e seu significado nada mais seria do que uma resposta condicionada à própria palavra. Disso resultou a prática, durante um longo período, dentre outros, do Método Áudio-oral ou áudio-lingual, um método estruturalista, desenvolvido durante a segunda guerra mundial, na urgência do ensino de línguas estrangeiras aos soldados. Até hoje, há, no ensino de línguas, uma influência marcante desse método. Ele tem suas raízes no behaviorismo que passa para a lingüística com o nome de mecanicismo. Para Skinner, o ser humano, ao nascer, é uma tábua rasa sobre a qual formam-se comportamentos linguísticos, mediante séries repetidas de estímulos e respostas.

---

[3] Ling. Aspecto da lingüística norte-americana tradicional, fortemente influenciada por Bloomfield. Para essa corrente, toda conduta humana, inclusive a linguagem, tem explicação mecânica, isto é, não precisa recorrer ao espírito. Assim, toda análise lingüística se faz pelo lado do significante porque o significado não interessa. Opõe-se a mentalismo. (http://www.dicio.com.br/mecanicismo/ ; acesso: 18.09.2010, às 19:35)

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Logo, com o Método Áudio-oral passou-se, de um conjunto de normas e receitas aplicadas ao ensino e aprendizagem de uma língua, à adoção de um método que tinha como suporte uma teoria linguística bem definida, o estruturalismo.

Antes disso, porém, retrocedendo alguns séculos, queremos mencionar os estudos dos gregos em relação à língua. Os gregos enfatizaram a retórica e as regras de bem escrever. Com raízes no ensino formal do grego e do latim, instituiu-se o Método de gramática e tradução seguido durante séculos. Por esse método, a leitura e a tradução de textos literários sempre tiveram fundamental importância. A preocupação básica era a língua escrita, cujo domínio satisfatório se chegava, principalmente, mediante memorização de muitas regras e compreensão de paradigmas aplicados à prática da tradução de textos literários.

De volta ao século XX, percebemos a ênfase deslocando-se da língua escrita para a língua viva, para a língua oral.

Pelo Método áudio-oral, a língua era considerada nas suas estruturas mínimas, aprendidas por meio de exercícios estruturais, também chamados *pattern drills*. Não há, na atividade de aprender uma língua, nenhuma participação criativa da parte do aprendiz. O material é descontextualizado e a língua é vista de forma fragmentada em seus múltiplos elementos que se sucedem sem que haja preocupação com a cultura e com as relações que existem entre essa cultura e a língua que a representa e veicula.

É, ainda, com o advento do Método áudio-oral que os laboratórios linguísticos adquirem a máxima importância porque eles representam um instrumento eficaz na aprendizagem da pronúncia. Será a múltipla repetição das formas sonoras ouvidas, principalmente de gravações, que garantirão a aprendizagem da compreensão e produção oral da língua. Além disso, acrescente-se que o papel do professor é central, ativo, o de ser um instrutor. O papel do aprendiz é o de responder aos estímulos. Na ótica moderna, configuram-se alguns pontos negativos desse método.

1.2 A LÍNGUA NA PERSPECTIVA GERATIVISTA/CHOMSKIANA

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

A Gramática Gerativa tem a finalidade de abarcar o estudo da linguagem de um modo bem geral, segundo Chomsky (1997), "o estudo da forma e do significado, o estudo da estrutura da linguagem, todas as áreas da fonologia, morfologia, sintaxe, semântica, pragmática, etc." O início dos estudos da Gramática Gerativa, propriamente dita, deu-se por volta do final da década de 40. Para Chomsky (idem), ela originou-se das idéias construídas a partir da revolução científica do século XVII, com diversas subdivisões no estudo da linguagem e da mente, no pensamento e também na ação sociais e políticos. Idéias que se alimentaram da Revolução Francesa, Revolução Americana, nacionalistas, e também das anti-colonialistas na América do Sul.

A *Gramática Universal* de Chomsky tem por concepção básica, a existência de uma "noção de estrutura" na mente humana, permitindo, assim, a criação de "expressões livres", comum a todas as línguas. Essas "novas" expressões são influenciadas por nosso estado interior e pelo meio externo, mas não são forçadas pelos mesmos. Fazemos de algum modo, uma escolha interna, que seja apropriada à situação presente. É, segundo Descartes, o que nos distingue dos animais e das máquinas; é o poder de construir pensamentos apropriados e não apenas causados pela situação e o livre-arbítrio de Rousseau.

O inatismo de Chomsky defende a idéia de que a linguagem faz parte de nosso patrimônio genético, isto é, ela é inata. O ser humano nasce dotado de um mecanismo que lhe possibilita aprender qualquer língua, basta que seja exposto a falantes de uma ou de mais línguas. A criança, ao nascer, possui em seu cérebro estruturas abstratas universais. Com o decorrer do tempo, seleciona e interioriza as estruturas específicas da língua que é falada no contexto em que vive (TRASK 2004, p. 136-138). Em outras palavras, o ser humano nasce biologicamente programado para o desenvolvimento de determinados conhecimentos, dentre esses, os conhecimentos linguísticos (TRASK 2004, p. 138-139). Disto advêm as concepções de competência e de desempenho linguísticos que, normalmente, são entendidos como os elementos de uma dicotomia em que se estabelece a relação da competência concebida por Chomsky com a língua de Saussure e a do desempenho formulado pelo primeiro estudioso com a fala como é entendida pelo segundo.

Para Chomsky e seus associados, o ser humano é provido de uma gramática que já traz consigo ao nascer. A criança internaliza as estruturas da língua a que é exposta e, amadurecendo,

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

passa a criar linguagem, não a decorar frases ou imitar o que ouve. De acordo com Chomsky, a criança tem uma *Gramática Universal*, inata, que contém todas as regras de todas as línguas. A *Gramática Universal* é formada por princípios invariantes aplicados de modo idêntico para todas as línguas. À medida que a criança vai amadurecendo, vai também selecionando, dentre todas as estruturas da *Gramática Universal*, aquelas pertinentes à língua que é falada no contexto em que vive. A teoria de Chomsky é contestada por alguns, aceita por outros. A verdade é que Chomsky prossegue em suas pesquisas buscando uma solução ainda não encontrada por qualquer das teorias existentes.

1.3 A Língua na perspectiva sociolinguística

A década de 60 iniciou com o surgimento de movimentos teóricos que visavam a questionar duas idéias fundamentais chomskyanas, primeiro, a existência de uma comunidade linguística homogênea e, segundo, a existência de um falante-ouvinte ideal. Apesar de Saussure ter chamado a atenção para o aspecto social da língua, os estudos voltados à variação e à diversidade linguística tiveram como pioneiros Uriel Weinreich (1974) com as questões decorrentes de línguas em contato; Fishman (1975) com os problemas de bilinguismo e sociologia da linguagem; Fergusson (1974) em particular, com a questão da diglossia.

Dentre muitos estudiosos importantes, destaca-se William Labov que, na década de 60, começa a desenvolver estudos sobre a variação linguística. Logo, ele passa a ser considerado o fundador da sociolinguística.

A língua recebe enfoque específico, ela varia em conformidade com a classe social a que os indivíduos pertencem. A língua não é homogênea e passa a ser estudada no seio das comunidades urbanas. A dialetologia e a geografia linguística já haviam investigado as variações diatópicas com metodologia própria e estudos rigorosamente científicos. Houve um entendimento de que as línguas variam na sua existência, de um lugar para outro. Agora, é a vez da sociolinguística: as línguas variam de uma classe social a outra, no interior de uma mesma comunidade de fala. A língua é concebida, então, como algo heterogêneo, que está em contínua mudança. As variações da língua passam a ser estudadas, não somente tendo em consideração as

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

diferentes classes socioeconômicas, mas também, constata-se que a língua varia de acordo com a faixa etária, com o gênero, com o interlocutor, com o assunto etc. A língua viva, em processo de fala, a língua oral, investigada em contextos múltiplos e variados assume a maior importância.

Uma língua pode, então, ser concebida como uma constelação de dialetos que têm um núcleo comum (CORDER, 1983, p. 81), mas que divergem uns dos outros por traços próprios que os caracterizam. Para a sociolinguística, a variabilidade é a propriedade inerente a cada língua. A língua varia em relação ao tempo: variedades diacrônicas; em relação ao espaço: variedades diatópicas ou geográficas; em relação à situação: variedades diafásicas, ou situacionais ou, ainda, contextuais ou funcionais; em relação à estratificação social: variedades diastráticas ou sociais.

Uma variedade de língua é o modo de falar de um grupo de indivíduos ou o modo em que se fala em certas situações. A língua concebida como um sistema variável, como um conjunto de variedades linguísticas tem implicações diretas com o enfoque dado ao processo de ensino e aprendizagem. Há uma abordagem que recebe o nome de comunicativa e que se apresenta com variantes, reflexos das diferentes perspectivas adotadas pelos vários sociolinguistas no desenvolvimento de seus estudos: sociolinguística quantitativa, sociolinguística variacionista, por exemplo.

Uma decorrência dos estudos realizados pelos gregos foi a adoção, no ensino de uma língua, do método de gramática e tradução. A diferença entre método e abordagem se explica por ter o método como suporte uma única teoria, enquanto a abordagem apóia-se em mais de uma teoria. A abordagem comunicativa integrada vale-se da psicologia, da pedagogia, da sociolinguística; enfim, aproveita subsídios de variadas áreas do conhecimento com vistas a um melhor e mais benéfico processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas muito amplas e sintetizando, poderíamos dizer que as concepções de língua variam em conformidade com as teorias linguísticas que também mudam através do tempo.

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

Os gregos preocuparam-se com a língua por questões filosóficas. Assim uma das questões trabalhadas por eles estendeu-se no tempo; eles queriam entender se a relação entre o nome e a coisa era natural ou convencional. O que, especificamente, aqui interessa lembrar é que os gregos, ainda na Antiguidade, reconheceram a existência de vários dialetos na própria língua grega (ROBINS, 1971, p. 27).

Opondo-se aos neogramáticos que buscavam a regularidade das formas linguísticas, Gilliéron, através da geografia linguística, afirmou que "cada palavra tem sua própria história" (ROBINS, 1971, p. 240).

Saussure e, de modo geral os linguistas estruturalistas preocuparam-se com o sistema da língua, com o esqueleto, preferencialmente, com o que era invariável e regular na língua, embora Saussure tivesse insistido na parte social da língua.

Chomsky, em seu estudo, utilizou o falante ideal, não a coletividade, não o grupo social de falantes.

Labov e seus associados preocuparam-se com a variabilidade e diversidade da língua, com o bilinguismo e as línguas em contato, com as variedades linguísticas decorrentes das variedades de situações e condições de vida dos grupos humanos.

Atualmente, com a urgência de estudos das "variedades em contato" como prioritários nos estudos linguísticos, segundo Raso, Mello e Althenhofen (2010, no prelo), devido à razão de, "como afirma Coseriu (1982: 16), ninguém fala "O português", "O espanhol", "O alemão"; "lo que se habla es siempre alguna forma determinada del [português], Del [alemán]." Pois segundo Radtke & Thun (1996) em seus estudos de dialetologia pluridimensional e relacional, veem a variedade resultante da convivência entre línguas, dialetos, ponto fundamental de estudos dentro do plurilinguismo, e que o mesmo ainda não vem sendo feito com tanta ênfase.

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. *Conhecimento da história e construção teórica na lingüística moderna*. Delta, São Paulo, v. 13, n. Spe, 1997. Available from: Http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=s0102-44501997000300005&lng=en&nrm=iso >. Access on 20 sep. 2010. Doi: 10.1590/s0102-44501997000300005.

CORDER, Pit. *Introduzione alla linguistica applicata*. Bologna: Il Mulino, 1983.

FERGUSON, Charles. Diglossia. In: FONSECA, Maria Stella Vieira da; NEVES, Moema Facure (Orgs). *Sociolinguística*. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974, p. 99-118.

FISHMAN, Joshua A. *La sociologia del linguaggio*: Saggio introduttivo de Alberto <; Mioni. Roma: Officina, 1975.

MARTELOTTA, Mário Eduardo (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2008.

PETTER, Margarida. Linguagem, língua, lingüística. In: FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Linguística:* objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002, p. 11-24.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik:* Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel : Westensee-Verl., 1996. 648 p. (Dialectologia Pluridimensionalis Romanica; 1.)

RASO, Tommaso; MELLO, Heliana & ALTENHOFEN, Cléo V. *Os contatos linguísticos e o Brasil:* dinâmicas pré-históricas, sócio-históricas e políticas. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo & RASO, Tommaso (orgs.). *O contato linguístico e o Brasil*. 2010. [No Prelo].

RIVERS, Wilga M. *A Metodologia do ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: Pioneira, 1975.

ROBINS, Robert H. *Storia della linguistica*. Bologna: il Mulino, 1971.

SAPIR, Edward. *Linguística como Ciência*. Trad. de J. Mattoso Camara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística general*. Buenos Aires: Losada, 1967.

TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Lingüística*. Trad. de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

ISSN 1982-5935
revistatravessias@gmail.com

WEINREICH, Uriel. *Lingue in contatto*. Torino: Borringhieri, 1974.